O agronegócio é o seguinte

Grande evento para 2012: Rio+20

O FECHAMENTO de 2011 deixa uma série de dúvidas e incertezas para o ano que se inicia. As economias desenvolvidas seguem exibindo fragilidades consideráveis, que elevam a perspectiva de risco global e os temores de uma nova recessão neste ano. Internamente, o cenário de 2012 aponta para uma continuidade da flexibilização da política monetária e de ações pontuais do lado da política fiscal com foco na tentativa de retomar o crescimento econômico. A inversão do quadro de desaceleração econômica só será conhecida, de fato, daqui a alguns meses, quando os indicadores de atividade serão efetivamente divulgados.

Externamente, no fim de dezembro do ano passado, o Banco Central Europeu (BCE) liberou 489 bilhões de euros para os bancos europeus, com prazo de reembolso de três anos e juro subsidiado de 1% ao ano. A estratégia objetiva estimular os bancos a adquirirem papéis de países em crise e a concederem mais crédito para os consumidores. Na verdade, o problema da União Europeia fica cada vez mais um problema mundial. Isso não é nem um pouco trivial. A demora na sua solução piora muito a situação, porque envolve custos e soberania. A realidade mostra claramente que não é possível fazer uma união monetária sem um forte pacto fiscal. Não haverá o final do euro, mas, sim, uma nova União Europeia, diferente da de hoje, e que levará um bom tempo para voltar a crescer.

A boa notícia veio na constatação de uma redução na taxa de desmatamento projetada para o período de agosto de 2010 a julho de 2011, da ordem de 11% em relação ao mesmo período entre 2009 e 2010. Isso significa uma reversão abrupta no quadro assistido até meados do primeiro semestre, que era de crescimento. Trata-se da menor taxa estimada pelo Inpe desde 1988, quando o instituto iniciou a série de levantamentos anuais do desmatamento. Não obstante, a área desmatada ainda é considerada grande, pois supera a do território do Distrito Federal.

Talvez esta revista tenha sido a primeira a afirmar com segurança que a Selic iria ser reduzida sensivelmente em 2011. Não erramos. Este processo deve continuar por mais alguns meses. O governo está disposto a não deixar a economia perder mais folego do que já perdeu. Medidas auxiliares serão tomadas se forem necessárias, como alívio dos compulsórios e extensão dos prazos dos financiamentos ao consumo.

Os produtores rurais terão preços bastante razoáveis ao longo de 2012. As dificuldades da Europa (que não são pequenas) já estão precificadas. Este quadro muda somente se houver um acontecimento do tipo cisne negro. Da mesma maneira, já está razoavelmente clara a direção do câmbio, variando ao redor de R$ 1,80 por dólar. Portanto, as apostas podem ser feitas, e as decisões tomadas.

Também em nosso acompanhamento da crise europeia, estivemos sempre na linha dos fatos. Afirmamos que a saída não seria fácil, mas que não haveria o desmanche do euro. A guerra ainda não acabou; continua a disputa por ver quem paga o pedaço maior da conta. Nossa matéria deste mês ajuda bastante a elucidar esta questão e a mostrar que ainda teremos novidades, pois o tamanho do ajuste fiscal até agora pedido é inviável, para alguns países.

A COP-17, realizada em Durban, na África do Sul, em dezembro último, no International Convention Centre (ICC), tida como a mais longa da história, trouxe decisões interessantes para a questão das mudanças climáticas em nível mundial. O conjunto de acordos firmados, que recebeu o nome de Plataforma de Durban, possui três partes: 1) Segunda fase do Protocolo; 2) Fundo Verde e 3) *Road Map*. Na verdade, quando se consideram os prós e os contras a respeito do resultado prático auferido na COP-17, prevalecem pontos de vista antagônicos. Essa, aliás, parece ter sido a impressão colhida dos últimos encontros.

O Brasil defende que se aguarde o relatório do IPCC (sigla em inglês para Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática), em 2014, que mostrará como as ações para conter o aquecimento global estão funcionando, e se há necessidade de medidas complementares.

Com todas essas pendências ambientais e a expressão brasileira no agronegócio, os holofotes voltam-se para a Conferência Rio+20 sobre Desenvolvimento Sustentável. Líderes dos 193 Estados integrantes do quadro da Organização das Nações Unidas (ONU), além de representantes de vários setores da entidade, estão com as suas agendas tomadas para participarem deste grandioso evento. O tema irá abranger também a chamada economia verde no contexto da erradicação da pobreza.

Para encerrar, o caderno especial da Organização das Cooperativas Brasileiras. Um bilhão de cooperativistas de 100 países vão comemorar 2012, o Ano Internacional das Cooperativas, uma iniciativa da ONU para ressaltar o papel que o segmento tem na geração de trabalho e renda e, consequentemente, na redução da pobreza.

Aos leitores de ***Agroanalysis***, uma boa leitura e feliz entrada para 2012.